

Introdução e aclimação de seringueiras brasileiras na África colonial

Introduction and acclimatization of Brazilian rubber trees in colonial Africa

Ruben Souza

Graduado em História

Universidade Federal de Santa Catarina

rubensouzass@gmail.com

Recebido em: 10/08/2018

Aprovado em: 05/07/2019

Resumo: Os trânsitos biológicos entre a América Latina, Ásia e África foram recorrentes, ao menos, a partir do século XV. Alguns gêneros como a melancia, o caju e a banana transitaram nestes quadros. Com a ascensão de uma economia borracheira, no segundo quartel do século XIX, a seringueira entrou nestas rotas. Com a “Partilha da África”, a busca pela rentabilidade das colônias estimulou uma exploração sem precedentes dos recursos naturais de borracha na África central. Uma miríade de espécies nativas e de algures coexistiram ainda nas tentativas de culturas de seringueiras. Este artigo tem como objetivo elucidar alguns matizes acerca da introdução de espécies brasileiras na África central, bem como medir sua relação com o colonialismo nos quadros de uma história ambiental da África.

Palavras-chave: Seringueiras; África colonial; Brasil.

Abstract: The biological exchange between Latin America, Asia and Africa was common since 15th century. Species like watermelon, cashew-nut and bananas transited in this period. With the rising of a rubber economy during the 19th century, the rubber trees joined these routes. The “Scramble for Africa” and the rush to make the colonies profitable also stimulated a pioneer exploration of rubber resources in central Africa. Rubber trees from all over the world also were introduced in the rubber plantations. This article aims to elucidate some aspects about the introduction of Brazilian species in central Africa, and measure its relation with colonialism through an environmental history approach.

Keywords: Rubber trees; colonial Africa; Brazil.

Introdução

No dia 9 de agosto de 1887, o Dr. Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901) proferiu uma conferência à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, na “augusta presença de S. A. o Sr. Conde d’Eu” (NERY, 1887). Nesta conferência, Santa-Anna Nery tratou do Povoamento da

Amazônia. Brasileiro radicado em Paris, foi um dos propagandistas do Império brasileiro na Europa, tendo publicado, entre outras obras, o livro *Le Pays des Amazones*.¹ Ao falar do norte brasileiro, tendo dedicado atenção especial ao descaso com a Amazônia e da dependência da região do comércio da borracha, projetou uma das causas para um possível descenso da economia amazônica na exploração “séria do valle do Congo, onde, conforme afirma Stanley, abunda gomme elástica de primeira qualidade”.

Mas se o aspecto econômico da borracha suscitou debates em finais do século XIX e início do século XX, a exploração das potencialidades econômicas de outras terras e florestas também foi um mecanismo discursivo, tanto no que tange a “defesa” da borracha brasileira no exterior, quanto na propaganda que a expansão colonial na África motivou. Colunistas brasileiros e missionários e escritores francófonos, não raro, buscaram exacerbar, positiva ou negativamente, os efeitos da economia da borracha, na Amazônia, no Gabão e no Congo. Se Santa-Anna Nery e escritores como Edmond Chapel acreditavam em uma possível sobrepujança da borracha congoleza à da América Latina (CHAPEL, 1892, p. 177), colunistas de jornais brasileiros como o *Jornal do Commercio*, de Manaus, enfatizavam a preponderância e qualidade superiores da borracha amazônica, e a claudicante extração no Congo, que [para o colunista] tendia ao desaparecimento.² A entonação laudatória de alguns escritores e a crítica de outros convergiu para a manutenção da produtividade da exploração das matas, e em alguns casos, para a otimização dos métodos de extração, tendo o impacto ambiental da exploração econômica balizado, ainda que inconscientemente, alguns dos escritores engajados nos estudos da economia das seringueiras.

Vale lembrar ainda que a introdução de espécies de seringueiras de outras regiões na África e sudeste asiático foi uma das políticas imperiais britânica, francesa, alemã e holandesa, com vistas ao incremento da produtividade, fomentando uma “troca de materiais botânicos” em contexto colonial (DEAN, 1989). Nestes casos, o “Imperialismo ecológico” não se operou somente pela emergência de “neoeuropas” e sua biota portátil nas áreas desmatadas (CROSBY, 2011, p. 100, 171), mas também pelo hibridismo de plantas oriundas da Ásia, América Central, América Latina, bem como de outras regiões da África, evidenciando como, mesmo por intermédio da ação colonial, as permutas biológicas entre continentes não necessariamente obedeceram o fluxo

¹ Publicado em 1885, foi apenas uma das muitas obras de Santa-Anna Nery dedicadas à Amazônia. Foi proprietário e colaborador de instituições como a *Revue du Monde Latin* e da *Société internationale d'études brésiliennes*. Acerca de Santa-Anna Nery, e sua trajetória, ver também CARNEIRO, 2013.

² Ver a coluna *Interesses Comerciais: A alta da borracha*. *Jornal do Commercio*, Manaus, 17 de agosto de 1904.

imperialista de poder (BEINART, MIDLETON, 2009).³ Ademais, frutas tropicais como a banana, o ananás, a melancia, a papaia, o caju, a manga e outros gêneros alimentícios cultivados por exemplo em Moçambique e no Brasil transitaram por águas oceânicas desde o século XV, entre a América, a costa da África e a Ásia (GUERRA, 1936; CORREA, 2010).

Este trabalho tem por fito lançar luz sobre um capítulo pouco conhecido nos quadros da história ambiental da África colonial. Objetiva-se analisar as trocas e os processos de aclimação de seringueiras brasileiras (notadamente a *Hevea brasiliensis* e a *Manibot glaziovii*) na África central enfatizando como o transplante de mudas e a invasão biológica de seringueiras no continente africano foram produtos da exploração desmesurada e da derrubada das matas nativas nas regiões do Gabão, Congo francês (atual Congo-Brazzaville), Estado Independente do Congo (atual Congo-Kinshasa) e África Oriental Alemã (atual Tanzânia), e como o extrativismo ostensivo da(s) borracha(s) africana(s) esteve intimamente relacionado ao colonialismo e à crença na racionalização da agricultura. Saliento, entretanto, que apesar da associação entre colonialismo e agricultura “inteligente”, a grandiloquência e retórica do discurso não conseguiu suplantar, em diversas instâncias, os limites impostos pela natureza e as dificuldades da cultura da borracha nos espaços coloniais. Para tanto, foi coligida uma literatura escrita por estudiosos e missionários que estiveram na região e atentaram para os processos agrícolas, bem como alguns artigos da imprensa brasileira que alguma atenção dedicaram aos estudos correntes na outra margem do Atlântico. O afã no desenvolvimento de uma “ciência colonial”, neste caso, a botânica, abriu precedente para a propaganda que atestava a efetividade da ciência nos projetos de domesticação dos biomas e ecossistemas africanos. Por intermédio de um olhar mais acurado da bibliografia científica de muitos estudiosos, o que se verifica, a rigor, é a discrepância entre um discurso científico e uma práxis que entrou em choque com a complexidade da botânica e dos solos no meio rural.

Uma economia da borracha em ascensão

O uso da borracha já na primeira metade do século XIX era difundido nas sociedades europeias. Empresas como a *Roxbury India Rubber Company* usavam o material no fabrico de sapatos, mas também na mistura de produtos como solventes e aditivos (IMLE, 1978), além de gaxetas, válvulas, correias, pneus, capas de chuvas e outros produtos (GRANDIN, 2010, p. 40). Contudo, a borracha em estado natural acabou por se tornar conhecida devido a sua instabilidade em relação

³ Algumas espécies manejadas no continente africano foram a *Hevea brasiliensis* (da região amazônica), *Castilloa elastica* (da América central e México), *Ficus elastica* (originária do sudeste asiático), *Manibot glaziovii* (da região do Ceará), bem como a *kickxia africana* e a *Landolphia florida*. Outras explicações serão feitas no decurso do presente trabalho.

ao clima. Se no inverno tornava-se rígida e inelástica, no verão, não raro os sapatos eram devolvidos com metade da sua composição derretida (RESOR, 1977).⁴ Randolph R. Resor associa à inconstância da borracha o descenso de muitas das companhias empenhadas nos processos de extração e industrialização da borracha recolhida. Um dos primeiros biógrafos de Charles Goodyear (1800-1860), Bradford K. Peirce, chegou a relatar um encontro entre o Sr. Goodyear e um dos agentes da Roxbury Rubber Company, em uma loja em Nova York, onde também ouviu acerca do derretimento de várias peças, e da ruína eminente que o embaraço causaria (PEIRCE, 1866, p. 52-53). Calçados que, aliás, tinham na sua composição a borracha extraída da região do Amazonas. Para Peirce um chamado, “como uma voz dos céus”, teria motivado os Sr. Goodyear a estudar a “redenção” da borracha, em uma área da ciência onde muitos estudiosos “só haviam conhecido o desapontamento” (PEIRCE, 1866, p. 56). Derretendo a borracha (a uma temperatura que seria destrutiva ao material natural) misturada com enxofre, Goodyear conseguiu, em 1839, uma mistura consistente, de maior resistência às variações climáticas, além de menos pegajosa que em estado natural. Embora a entonação de Peirce saliente uma ação demasiado corajosa de Goodyear, parece ser um consenso que o processo de vulcanização da borracha desenvolvido por ele foi um ponto de inflexão na ascensão da exportação do látex. Tal processo, apelidado de “vulcanização”, foi, nos anos seguintes, influenciando o processo produtivo de diversos itens (IMLE, 1978, p. 264).

Em 15 de janeiro de 1905, o *Jornal do Commercio* publicou a notícia “O preço da borracha”, onde ao descrever a alta vertiginosa dos preços nas principais praças comerciais, associa a expansão do mercado às “descobertas do Sr. Charles Goodyear”.⁵ Mais de 70 anos depois, Ernest P. Imle e Randolph R. Resor também salientam a importância da descoberta, e a eles, é possível acrescentar, por exemplo, estudos que analisem a transformação econômica e sociológica do *boom* da borracha (SCHULTES, 1993). Mas se os estudos do Sr. Goodyear foram fundamentais para a expansão da demanda pela borracha, conseqüentemente, pela exploração das seringueiras ao redor do mundo, outro caso que ganhou notoriedade foi a exportação de 70,000 sementes da *Hevea brasiliensis*, organizada pelo *British Royal Botanic Gardens*, de Kew, e efetivada por Henry A. Wickham, em 1876, considerada crucial para a expansão das culturas de seringueiras ao redor do globo (IMLE, 1978,

⁴ Bradford K. Peirce também comenta da devolução de sapatos à Roxbury India Rubber Company, pontuando inclusive o odor que exalavam, após o derretimento.

⁵ Ver a coluna *O preço da borracha*. *Jornal do Commercio*, Manaus, 15 de janeiro de 1905.

p. 266; RESOR, 1977, p. 345-346).⁶ Levadas para o Ceilão, Malásia e Java, as árvores brasileiras adaptaram-se ao solo e ao clima da região, e agora domesticadas, permitiram à administração britânica maior controle sobre a produtividade, por intermédio das culturas de seringueiras. Uma olhar contemporâneo é capaz de matizar a importância atribuída à figura de Wickham no caso, uma vez que a administração francesa já buscava a aclimação de mudas nos jardins em suas colônias no Caribe. Beinart e Middleton (2009) apontam também para o caráter muitas vezes involuntário na transmissão de plantas.

Apesar do *corpus* documental disponível para análise histórica, as reflexões específicas permanecem, ainda, modestas. Alguns estudos comentam *en passant* acerca do tema, como os de Silvio Correa e Eunice Nodari (CORREA e NODARI, 2011). Analisando a formação das *subtropical Germanies* no Brasil e na África, mencionam o impacto da introdução de espécies estrangeiras e do desmatamento nas zonas rurais da África central com vistas às plantações de seringueiras. Trabalhos como o de Lucile H. Brockway levantam questões acerca do protagonismo do Royal Botanic Gardens da difusão das mudas de seringueiras (BROCKWAY, 1979). Em *Brazil and the struggle for rubber* (1987), Warren Dean perscruta os caminhos da produção borracheira brasileira, levantando a hipótese de que o êxito das culturas de seringueiras na Ásia e o malogro das mesmas no Brasil deveu-se, em grande medida, aos patógenos que obstaculavam o desenvolvimento das plantações no *habitat* natural da seringueira (DEAN, 1987).⁷ Dean novamente faz comentários esparsos a respeito da introdução de espécies de algues na África. Alfred Crosby também questiona a transmissão de plantas em contexto imperial, associando as migrações biológicas ao redor do globo, muitas vezes, à expansão humana (CROSBY, 2011). A migração de espécies brasileiras para a África pode adir um bemol à questão, colocando a imprevisibilidade em rota de colisão com os interesses imperiais. De mais a mais, uma história ambiental da borracha na África central permanece pouco explorada pela historiografia contemporânea.

A administração colonial francesa, na Indochina, manteve-se atenta aos processos de aclimação de seringueiras nas possessões britânicas na Ásia. Em 1906, M. Haffner, inspetor de agricultura e chefe dos serviços na Cochinchina, ao participar do Congresso Colonial de Marseille,

⁶ Sobre o tema, ver também BROCKWAY, 1979. Brockway toma o exemplo do *Royal Botanic Gardens* para explorar como o conhecimento científico, neste caso, botânico, serviu à expansão do império. Já em 1816, uma expedição britânica às origens do Congo, liderada por James K. Tuckey, levaria um jardineiro do *Royal Botanic Gardens*, além de botânicos e estudiosos de anatomia. HOCHSCHILD, 1999, p. 17.

⁷ Greg Grandin também comenta brevemente acerca das condições biológicas favoráveis no sudeste asiático, em relação às brasileiras. Condições naturais estas que fizeram malograr o projeto de Henry Ford de plantações de seringueiras na Amazônia dos anos 1920.

e atento ao crescimento frutífero das plantações na Malásia, defendeu a introdução de culturas de *Hevea brasiliensis* e *Ficus elastica* (originária da região da Índia) na região, além de apresentar um panorama dos processos que já vinham sendo implementados acerca do tema (HAFFNER, 1908). Frise-se também que ao apresentar as melhores condições de solo para o plantio, Haffner enfatizou a importância que as capinas constantes exerciam na manutenção das áreas de cultivo. Cumpre salientar que práticas deste jaez acarretam, em última instância, no empobrecimento e infertilidade dos solos. Isto é, na medida em que a grandiloquência do discurso enfatizou as vantagens do cultivo de plantas de alhures, e motivou as trocas biológicas entre continentes, sugestões de conservação das lides agrícolas estimularam práticas cuja degradação ambiental hoje se sabe serem consideráveis. Tais práticas parecem ter sido uma tônica em todos os espaços coloniais onde o meio ambiente se mostrou mais “adaptável” à agricultura “moderna”.

A questão colonial e a exploração dos recursos naturais

Concomitante ao processo de descobertas científicas e ascensão da economia da borracha, a expansão colonial na África foi levada a cabo. Henk L. Wesseling considera a “partilha da África” como um longo período, que compreende desde 1880 até 1914 (WESSELING, 2008, p. 13).⁸ Sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, viajantes como Pierre de Brazza e Henry Morton Stanley fizeram sucesso com seus relatos “*Through the dark continent*”.⁹ A partir das décadas de 1860 e 1870, a exploração dos recursos naturais na extração de marfim, borracha, a exportação de gêneros agrícolas e as descobertas de diamante no Transvaal em 1867, de ouro no Rand em 1887 e cobre na Rodésia direcionaram as atenções dos europeus para a África. Se alguns gêneros exóticos (como o algodão e copal) já eram cultivados antes da chamada “Partilha da África”, as espécies de seringueiras provenientes de continentes alhures viriam a medrar somente em fins do século XIX, notadamente sob a ação antrópica sobre a natureza em contexto colonial.

No Estado Independente do Congo, vigorou uma violência sem precedentes na exploração dos recursos naturais. Diversas críticas ao rei da Bélgica Leopoldo II (administrador do *État Indépendant du Congo*) surgiram já em fins do século XIX. Escusado lembrar ainda que o estado belga buscava ainda o monopólio (e conservação) da borracha e marfim da região já na década de 1890, somente sendo (legalmente) permitido explorar tais recursos se entregues às autoridades

⁸ Para o autor, a partilha “começou no norte”, com a ocupação da Tunísia e do Egito, e viria a findar-se com o estabelecimento do protetorado francês no Marrocos, em 1912.

⁹ O relato de Stanley viria a tornar-se um best-seller na Europa e nos Estados Unidos. As empreitadas do viajante atraíram a atenção de Leopoldo II, da Bélgica, e o explorador chegou a servir ao rei dos belgas.

estatais (M'BOKOLO, 2004, p. 507). Se críticas externas de humanistas como Edmond D. Morel e Roger Casement explanariam sobre uma “escravidão da borracha” (MOREL, 1906),¹⁰ mesmo alguns membros da administração interna chamariam a atenção para o desmatamento exacerbado e desaparecimento das espécies nativas produtoras. Alphonse-Jules Wauters (1845-1916) chegaria a apontar como os métodos de corte das videiras praticados pelos nativos, buscando o máximo de goma em menos tempo, culminava na exaustão e na improdutividade das plantas (WAUTERS, 1899, p. 339-341). Ainda em 30 de outubro de 1892, fora baixado um decreto para maior manutenção nos processos de colheita, sendo estimulada a *incisão* ao invés do *corte* definitivo, consequência da extração ostensiva que Wauters apresenta em seu estudo. Evidentemente, o estado de terror e a violência colonial promovidos com vistas ao incremento da produtividade não são mencionados na obra de Wauters. Ademais, sendo a *Landolphia* (taxonomia da época para designar as espécies produtoras de borracha nativas do continente africano) uma espécie associada a outras árvores, o tombamento da mata nativa afim de alcançar as vinhas produtoras de goma também foi uma prática corrente da práxis agrícola.¹¹ A abertura de clareiras otimizava a extração, deitando por terra não somente as vinhas produtoras, mas todas as árvores coalescentes. Fotografias e postais trazem *insights* quanto ao desastre ambiental levado a cabo: dezenas de postais de circulação metropolitana apresentavam extração, corte, tombamento e outras fases da extração e comércio da borracha. Intentando salientar a produtividade dos recursos naturais, fotografando o desmatamento, as novas plantações e hibridismos, permanecem hoje como fontes históricas das quais podemos apreender a popularidade que as imagens de uma natureza africana [supostamente] domesticada granjearam em cidades como Paris e Bruxelas. Ademais, não se pode olvidar que os desmatamentos, queimadas e introdução de espécies exóticas simbolizaram a destruição do *habitat* de variadas espécies de vida selvagem acarretando, em última instância, no expressivo decréscimo da biodiversidade da África central.

¹⁰ Morel foi, juntamente com Roger Casement e outros, um dos delatores das atrocidades levadas a cabo pelas autoridades belgas e suas milícias. O relatório de Roger Casement pode ser encontrado em *Correspondence and report from His Majesty's Consul at Boma respecting the administration of the Independent State of the Congo*. London: Harrison and Sons, 1904. Outros comentários viriam ainda do escritor Arthur Conan Doyle, em DOYLE, 1909. Alice Harris, ao fotografar os trabalhadores dos seringais, também granjeou atenção para o caso.

¹¹ Existem ainda registros visuais, notadamente em cartões postais da *récolte du caoutchouc*, enfatizando a questão do trabalho. Contudo, é possível inferir que as vinhas na qual os trabalhadores laboravam estavam associadas a árvores já tombadas. Publicada inicialmente à época do Estado Independente do Congo, uma fotografia retratando a extração de látex em vinhas ao lado de árvores tombadas seria publicada novamente em 1952, no tomo I da *Encyclopédie du Congo belge*, p. 588. O autor identifica a espécie como *Landolphia Klainei* Pierre. A taxonomia também identifica a espécie como *Landolphia owariensis*, também da família das Apocynaceae. Pode ser encontrado um comentário sobre a *Landolphia owariensis* em COLLINS, 1869. Ainda a busca pela erradicação de doenças tropicais estimulou o desmatamento de zonas consideradas endêmicas.

Ainda em 1892, Edmond Chapel chamava a atenção para o exacerbamento da exploração das florestas naturais (enquanto consequência da disputa de mercado) e salientava o desaparecimento das “espécies borracheiras” em algumas regiões, como na zona costeira do Gabão (CHAPEL, 1892, p. 219). O debate ambiental não ganha prioridade em sua narrativa devido a uma consciência preservacionista, mas pelo devir econômico das colônias, em paulatino processo de “privação” de recursos naturais. Neste cenário de desmatamento, desaparecimento e improdutividade dos recursos naturais, as plantações de seringueiras apareceram como solução a um problema criado pela própria tópica colonial. Escusado lembrar, entretanto, que áreas de mata nativa consideradas improdutivas também foram desmatadas afim de introduzir culturas de agroexportação. Nesse espaço antrópico, portanto, um hibridismo biológico deu o tom da produtividade agrícola de borracha em grande escala. Três espécies brasileiras foram as principais introduzidas na África: a *Hevea brasiliensis*, a *Manihot glaziovii* e a *Hancornia speciosa*.¹² Vale lembrar ainda que espécies centro-americanas, indianas e de outras regiões africanas compuseram o quadro híbrido da confluência de espécies sob os auspícios do poder colonial. A ideia de uma ciência que se apresenta como suprema e onipotente revela neste estudo de caso seu lado imediatamente oposto, aquilo que Guillaume Lachenal intitulou “besteira colonial”: a crença absoluta e/ou cega na ciência induz a uma obstinação. Isto é, seu discurso grandiloquente prevalece. A “besteira” demonstra que a ciência também é falível, a despeito da presunção de sua retórica (LACHENAL, 2014; CORREA, 2015, p. 1779). A introdução de espécies exóticas de seringueiras é especialmente profícua para a observação, de um lado, da grandiloquência científica da botânica, e de outro, do caráter falível da própria ciência, que apesar de seu discurso, culminou no desmatamento de milhares de hectares de floresta tropical e o decréscimo da biodiversidade da África equatorial.

As espécies brasileiras e a luta pela aclimação

Em 1905, Harry Johnston apontou o desmatamento na região da Libéria, para o estabelecimento de plantações. Crente de a plantação de “árvores borracheiras” ser o futuro das colônias em África, cita a diversidade que as espécies nativas ofereciam, sendo somente comparáveis às do Congo, onde [para o autor] as *widely spread* espécies de *Landolphia* tornavam possível uma maior rentabilidade.¹³ Além disso, frisa a presença na África central da “enorme

¹² A *Hevea brasiliensis* possui seu berço de origem na floresta amazônica, entre o Amazonas, o Pará e as florestas da Guiana. A *Manihot*, de origem do nordeste brasileiro, é conhecida na região como maniçoba-do-Ceará, e a *Hancornia speciosa*, conhecida por seu fruto, é comumente conhecida por mangabeira.

¹³ Geographical Record. *Bulletin of the American Geographical Society*, vol. 37, n° 10, 1905, p. 601-616.

Funtumia elastica, outrora tão abundante na colônia de Lagos”.¹⁴ O comentário denota uma movimentação da *Funtumia*, mas o autor do artigo não prossegue na explanação. Urge ainda rememorar que na África Oriental Alemã (atual Tanzânia), foram também introduzidas mudas da *kickxia africana*.¹⁵ Aliás, o governo do II Reich introduziu diversas espécies de seringueiras em suas colônias, notadamente na África Oriental Alemã e Togo. Neste último, algumas plantações da *Agu Planting Company* plantaram cerca de 140 hectares da *Manibot glaziovii* (conhecida também por maniçoba-do-Ceará) e 30 hectares da *kickxia elastica*.¹⁶ Se a última não vinha se desenvolvendo como esperado, a originária da província brasileira apresentava sinais de franco desenvolvimento, sendo possível a extração através dos métodos tradicionais. A *Ficus elastica*, por semelhante modo, também mostrou-se facilmente adaptável à região, embora sua área de cobertura nas culturas do Togo não fosse tão ampla. Logicamente, a derrubada da mata nativa e conseqüente decréscimo da atividade predatória facilitou o bom desenvolvimento das culturas da *Manibot* e da *Ficus*. Fatores como variação climática e condições do solo também tiveram papel importante no processo de aclimação. Seja como for, a *Manibot glaziovii* parece ter medrado com maior êxito primeiramente no Togo, o que permite inferir que as condições climáticas e do solo na África Oriental Alemã foram, em um primeiro momento, desfavoráveis.

“A África Oriental Alemã é a terra do cultivo da *Manibot glaziovii*”. Assim começa a explanação do Prof. Warburg sobre a cultura da “seringueira Ceará” (WARBURG, 1911). Plantada na região de Dar es Salaam e Tanga entre 1890 e 1900, o crescimento profícuo das árvores não foi suficiente para qualquer produção expressiva de borracha, pelo que o cultivo esteve a beira do desaparecimento.¹⁷ Os métodos de extração e a adaptação parcial da maniçoba foram querelas que

¹⁴ A *Funtumia elastica* (Preuss) Stapf. faz parte do único gênero de árvores borracheiras nativas da África, originária da região da Costa do Ouro, Lagos e Camarões. O. Stapf, em seu artigo *On kickxia and Funtumia*, defende a manutenção da taxonomia *kickxia* para as árvores do sudeste asiático e propõe a criação do gênero *Funtumia* para as nativas da África ocidental, evidenciando que as espécies destas duas regiões possuíam pouco ou quase nada em comum. STAPF, O. *On kickxia and funtumia. Bulletin of Miscellaneous Information (Royal Botanic Gardens, Kew)*, vol. 1905, n° 3, 1905, p. 45-59. Em 1899, P. Preuss chamava a atenção para as diferentes espécies de *kickxia* da África ocidental, desfazendo confusões acerca da *kickxia africana*, criando uma nova nomenclatura para uma espécie distinta, nomeada *kickxia elastica* Preuss. *Über westafrikanische Kickxia-Arten. Notizblatt des Königl. Botanischen Gartens und Museums zu Berlin*. N° 19, Bd. II, 1899, p. 353-360. Ambas as referências dizem respeito à mesma espécie.

¹⁵ *Kautschuk Kultur*. Deutsch-Ostafrikanische Zeitung, Dar-es-Salaam, 07 de abril de 1900.

¹⁶ Rubber cultivation in Togoland and German East Africa. *Bulletin of Miscellaneous Information (Royal Botanic Gardens, Kew)*, vol. 1911, n° 2, 1911, p. 97-100. O texto foi traduzido do original *Der Kautschuk in den deutschen Kolonien*, escrito pelo Prof. Warburg e publicado na revista *L'Agronomie Tropicale* em 1910. Subsiste ainda no arquivo fotográfico da *Deutsche Kolonialgesellschaft* (preservado pela Universidade de Frankfurt) uma fotografia de uma plantação da *Manibot glaziovii* de três anos no Togo. Disponível em: <http://www.ub.bildarchiv-dkg.uni-frankfurt.de/>. Acesso em 10 dez. 2016. Bildnummer: 026-0405-09.

¹⁷ Na região de Tanga, seria a cultura do sisal que viria a exercer papel de maior preponderância dentro do colonialismo alemão na África Oriental. Sobre o tema, ver GHAI, 1979, p. 86.

também circundaram o cultivo da *Manihot glaziovii*, aliás, não somente na África alemã. Na região do Gabão, o crescimento rápido em detrimento da produção de látex também foi alvo de observação de estudiosos da África equatorial francesa (STREEL, 1908). Contudo, em 1900, um novo método de extração criado na plantação de Lewa (próxima a Tanga) cumpriu seu papel na otimização da extração. Removendo pequenas porções de casca e cobrindo a região com ácidos diluídos, ao fazer-se uma pequena incisão na árvore, a maniçoba vertia “lágrimas de borracha”. A revista *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*, em 13 de março de 1910, publicou em sua capa uma fotografia retratando a incisão da seringueira.¹⁸ No texto referente à mesma, encontra-se também referência a introdução de químicos no processo de extração e uma explicação acerca do processo supracitado. Ademais, explana sobre a “Ceará rubber” que vinha sendo diligentemente plantada na colônia, em tempos recentes. As estimativas quantitativas do Prof. Warburg quanto a diligência das autoridades alemãs apontam 300.000 mudas plantadas em 1902, 500.000 em 1904, e saltos ainda mais vertiginosos a partir de 1905, com cerca de um milhão no mesmo ano, cinco milhões em 1907 e uma estimativa de oito milhões de mudas por volta de 1910, perfazendo 8000 ha, sendo seus resultados muito mais expressivos do que a mesma espécie cultivada do Togo. A área de cultivo da borracha apresentava-se 20 km² superior à área atual de San Marino, pequeno país europeu.

Contudo, a produtividade só pôde ser assegurada pela interferência humana, para além das capacidades de aclimação natural da maniçoba. Ainda a questão da mão-de-obra foi balizada pela capacidade produtiva e métodos de cultivo e extração, de forma que a questão do trabalho (*Arbeiterfrage*) esteve associada a capacidade de produção de látex das árvores, ainda que muitas vezes de forma não evidente nas narrativas. Em muitos casos, contingentes populacionais foram ainda realocados para as *plantations*. As qualidades das borrachas naturais do Brasil também provocaram disparidades em termos de mercado. De produção mais barata, a “seringueira Ceará” ganhou na África central relativo destaque, em um primeiro momento, em detrimento da *Hevea brasiliensis*, cultivada e explorada em larga escala no sudeste asiático. A inferioridade na qualidade da borracha da maniçoba interferiu também na sua cotação nas praças internacionais.¹⁹ Ainda na África Oriental Alemã, a mangabeira (*Hancornia speciosa*) de Pernambuco foi introduzida, também com o mesmo fito. Curiosamente, no nordeste brasileiro, era mais conhecida por seu fruto

¹⁸ *Anzapfen eines kautschukbaumes*. *Kolonie und Heimat in Wort und Bild*, Berlin, 13 de março de 1910, p. 14.

¹⁹ As flutuações no preço de mercado, contudo, criaram climas favoráveis para o ingresso em maior escala das produções de borracha na África, sobretudo em suas respectivas metrópoles. O *Jornal do Commercio* frisou em artigos publicados as políticas de algumas das principais praças europeias em privilegiar a borracha que advinha das colônias africanas.

amarelado, muito apreciado e de grande estima (COLLINS, 1869, p. 83). Apesar de a qualidade do látex da mangabeira ter sido considerada fina (comparável às borrachas amazônicas), a fragilidade da espécie gerou incertezas de alguns botânicos no que tange a recolha do “látex amarelado”, muito embora, no início do século XX, tenha-se revelado grande potencial de adaptação em alguns biomas do território sob domínio alemão.

Na margem de cá do Atlântico, os experimentos em relação à extração, comércio e produtividade nas colônias francesas e belgas também interessaram alguns segmentos da imprensa manauara. O *Jornal do Commercio* escreveu sobre os esforços da administração francesa em criar uma associação em Paris com o fito de desenvolver uma produção de borracha nas colônias francesas.²⁰ Também atentos às tentativas dos belgas de aprimorar a qualidade da borracha nos processos de extração e secagem, publicam na coluna *De toda a parte* os esforços de envio ao Baixo e Alto-Congo um produto que, segundo os redatores, imunizaria a borracha no processo de secagem, evitando a oxidação.²¹ Se a introdução de químicos industriais nos processos “produtivos” da borracha não pode ser medida com precisão, pode-se perceber que atraiu a atenção de muitos dos envolvidos nas praças comerciais belgas, e a observância dos colunistas brasileiros estabelecidos em Manaus aponta para uma atenção redobrada com potenciais rivais da borracha brasileira. Rivais estes que Santa-Anna Nery, 17 anos antes, salientaria preocuparem-se mais com a Amazônia que o governo brasileiro. O *Jornal do Commercio* incitaria também, nas notícias sobre os progressos nas culturas coloniais ao redor do mundo, críticas ao governo brasileiro, e sua displicência no que tange a “conservação das nossas espécies”.

No dia 18 de maio de 1906, publicava-se uma reportagem traduzida do suplemento comercial do *Times* enfatizando o descompasso entre o ritmo acelerado da demanda no mercado internacional e o não melhoramento da práxis na recolha de látex.²² Evidentemente, o resultado poderia ser desastroso para a economia borracheira. O autor (da revista *Times*) pontua as ações do colonialismo francês e belga, no que tange o replantio de árvores, devido aos “ruinosos processos de colheita” levados a cabo por lá, além de mencionar que eram tomadas medidas da administração no Congo com respeito ao replantio de árvores.²³ Guilherme Catramby, que pode-se inferir ser o

²⁰ Ver a reportagem *Uma associação borracheira*. *Jornal do Commercio*, Manaus, 25 de julho de 1905.

²¹ Ver a coluna *De toda a parte*, item 1. *Jornal do Commercio*, Manaus, 24 de julho de 1904. Salienta-se que o Estado Independente do Congo foi pioneiro na adoção desta corrente industrial.

²² *O comércio e a cultura da borracha*. *Jornal do Commercio*, Manaus, 18 de maio de 1906.

²³ Há também referências ao Ceilão e a Malásia, pela eficiência na adaptação das seringueiras e racionalização no cultivo, que chamou “cultivo inteligente”.

tradutor do texto da *Times*, comenta ainda ao final que no Congo fazem-se “regulamentos severos para melhorar os processos de colheita, insistindo todos no replantio sistemático da seringueira”. A comparação entre as “políticas” de replantio na África e Ásia e a exploração da borracha selvagem no Brasil serviu de alerta àqueles que desejavam manter a rentabilidade e primazia brasileira. Afinal, “que sirvam ao menos, aos nossos seringueiros, esses avisos, para que cogitem do futuro de sua indústria, e o futuro, é o replantio!”. Outrossim, estes comentários são alguns exemplos de como as notícias do desmatamento na África central ganharam ainda as páginas da imprensa de alguns países do Ocidente. Em 1926, Edmond Leplae publica um texto na *Revue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale* comentando sobre os esforços no Congo belga para a adaptação de mudas da *Hevea brasiliensis* em grande escala (LEPLAE, 1926). Ao mencionar as questões de produtividade, chama a atenção para a discrepância de adaptação entre as Heveas vindas diretamente do Brasil e as Heveas vindas dos jardins de aclimação na Malásia e Ceilão. Em seu texto, chama a atenção para o fato de que as mudas vindas do sudeste asiático tiveram desenvolvimento mais expressivo se comparadas às mudas vindas diretamente do Brasil. Escusado lembrar que os estudos e precauções com relação ao mal (ou queima) das folhas (*Microcyclus ulei* [P. Henn]) apontavam para as dificuldades no cultivo de seringueiras na Amazônia e podem trazer a tona a tese de Warren Dean acerca do desenvolvimento de mudas de seringueiras brasileiras na Ásia ser devido em grande parte a ausência de patógenos presentes na Amazônia, uma vez que a incidência do mal das folhas, por exemplo, é maior nas florestas brasileiras (DEAN, 1989, p. 61).²⁴ De mais a mais, pode-se inferir no texto de Leplae que, além da superioridade da *Hevea* com relação a *Funtumia* e a *Ficus*, as mudas de *Hevea brasiliensis* vindas da Malásia poderiam ter maior facilidade de aclimação em solo africano, se comparadas às vindas do próprio Brasil.

No mesmo ano, em Marseille, o Congresso Colonial realizado dentro da Exposição (15/04/1906 – 15/11/1906) reuniu estudiosos de diversas áreas da administração dos territórios ultramarinos. Charles Duffart, em sua comunicação *La production du caoutchouc* (DUFFART, 1908), ao analisar comparativamente a produção nas colônias francesas, dedicaria os minutos finais de sua fala às espécies aclimatadas às regiões do Congo francês e belga. A historiografia que aborda a exportação de sementes de *Hevea brasiliensis* efetuada pelo *Royal Botanic Gardens* (1876) tem salientado a legalidade do processo, visto que nenhuma medida legal de protecionismo fora adotada

²⁴ A botânica contemporânea chama a atenção, entretanto, para as possibilidades do *Microcyclus ulei* (P. Henn) na África e na Ásia. Ver, por exemplo, EDATHIL, Thomson T. South American leaf blight – A potential threat to the natural rubber industry in Asia and Africa. *Tropical Pest Management*, vol. 32, n° 4, p. 296-303.

anteriormente pelo governo brasileiro. Contudo, na fala de Duffart, é possível inferir que algumas medidas foram tomadas pelo governo brasileiro, atribuídas por ele o adjetivo severas, com o objetivo de obstacular permutas deste jaez. Entretanto, não impediram a importação e aclimação de espécies de *Hevea* e *Castilloa* para o replantio, bem como espécies regionais. No Congo belga, por exemplo, a estimativa gira em torno de 1.250.000 mudas, de espécies americanas, mas também de outras regiões da África que foram replantadas. No Congo francês, cerca de 350.000 (DUFFART, 1908, p. 131). No Congo belga, um decreto de 22 de setembro de 1904 determinava às companhias concessionárias encarregadas da exploração de borracha o replantio de 500 mudas de árvores borracheiras para cada tonelada exportada. No Congo francês, semelhante iniciativa foi tomada, mas o número exigido era de 150 mudas. Nas poucas tentativas de “reflorestamento”, espécies de *Manihot*, *Kickxia*, *Castilloa*, *Hevea*, *Ficus*, e espécies regionais foram manejadas, em áreas cujo desmatamento e introdução de espécies exóticas encarregaram-se de diminuir drasticamente a biodiversidade de vastas regiões da África central. Aliás, o decréscimo da vida selvagem também começava a chamar a atenção.

Na região do Gabão, algumas companhias concessionárias também plantaram centenas de milhares de mudas da seringueira Ceará, havendo 30.000 pés cultivados pela *Compagnie française du Congo occidental* e 20.000 pés pela *Société du Setté-Cama* (STREEL, 1908, p. 203). Datando de 1904/05, a substituição das plantações por espécies da África ocidental foi explicada pela maior durabilidade à exploração das mesmas. Assim como na África Oriental Alemã, a *Manihot glaziovii* mostrou-se adaptável ao clima da África Equatorial Francesa (A.E.F.), crescendo cerca de cinco metros em um ano. Contudo, sua produção de látex não acompanhou o vicejar das árvores. Em média, a exploração do látex da maniçoba deve ser feita após três anos de cultivo. Nas plantações do Gabão, qualquer látex de boa qualidade só desenvolveu-se após cinco anos de cultivo, o que põe em xeque a plena adaptabilidade da árvore brasileira, levando a crer que seu processo de hibridização nas paisagens do Gabão não foi absoluto. Dúvidas, discrepâncias e idiosincrasias cercaram os estudos sobre a adaptação de seringueiras em todas as experiências coloniais, fomentando um debate em âmbito científico que, por vezes, cruzou as fronteiras coloniais. Edmond Chapel, por exemplo, duvidava que as plantas que E. Pierre cultivava no *Jardin d'Essai de Libreville* fossem, de fato, mudas da *Manihot glaziovii*, apesar de Pierre ter escrito um texto com comentários a respeito (CHAPEL,

1892, p. 221).²⁵ Mas se Chapel discordava de Pierre, o que ficou como comentário final foi a necessidade da introdução de mais espécies estrangeiras produtivas.

A adaptabilidade de determinadas áreas do meio rural do Gabão mencionada na comunicação de Streel pretendem apontar para a versatilidade e riqueza das terras, bem como facilidades de transporte e outros “benefícios” que a A.E.F. oferecia. Entretanto, tais características buscaram sua imposição sobre a flora e fauna nativas, sendo muitas das áreas vacantes resultado da derrubada definitiva da mata e exploração intensa dos recursos naturais. A interiorização da exploração da mata no Gabão representaria, para Streel, um novo boom na economia colonial de exploração da borracha. Interiorização esta que ia ao encontro de grupos étnicos da região que, segundo o autor, eram inertes, pouco adeptos ao trabalho e especialmente belicosos. Uma vez mais, a questão do trabalho toma seu lugar velado no discurso colonial, e vem coadunar-se com a ideia da subversão da população indígena, bem como da flora.

Considerações finais

Côncios do cariz ideológico que vaza os discursos de muitos dos escritores engajados na “economia das seringueiras” aqui e acolá, pudemos observar como a retórica do discurso colonial, a despeito de sua grandiloquência e “afirmação” científica, não foi capaz de garantir o êxito de muitos dos projetos de modelagem antrópica dos biomas africanos. Com suas especificidades, algumas discussões acerca da efetividade da adaptação de espécies brasileiras (como a *Hevea brasiliensis* e a *Manihot glaziovii*) perduraram por décadas. Dificuldades de aclimação, látex de má qualidade e improdutividade das plantas foram alguns dos “problemas” das lides agrícolas. Se o desaparecimento da mata nativa foi uma preocupação, a rentabilidade das colônias funcionou como catalisador na busca por soluções, em detrimento de uma claudicante consciência preservacionista. A baixa produção de goma [à revelia do profícuo crescimento] foi também um dos ‘problemas’ compartilhados transversalmente às fronteiras imperiais, tanto na África Oriental Alemã, quanto na África Equatorial Francesa. Das espécies brasileiras introduzidas, sendo elas, sobretudo, a seringueira (*Hevea brasiliensis*), a maniçoba-do-ceará (*Manihot glaziovii*) e a mangabeira (*Hancornia speciosa*), a maniçoba despontou como a espécie de maior expressão, sobretudo por sua adaptabilidade e manutenção menos onerosa.

²⁵ Sobre o tema, ver também o ensaio de E. Pierre, *Culture du caoutchouc au Gabon*. Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris, t. XIII, p. 231.

William Beinart e Karen Middleton, realizando copiosa revisão bibliográfica acerca das transferências de plantas, salientaram como determinadas interpretações tendem a projetar sobre as rotas de circulação biológica uma lógica de poder imperialista (BEINART, MIDDLETON, 2009). Para os autores, a obra *Imperialismo Ecológico*, de Alfred W. Crosby é um dos principais ícones. Tais considerações levam os autores a questionar o próprio conceito de “imperialismo ecológico”. O que se pode observar com a introdução de espécies borracheiras na África colonial é que as condições biológicas, climáticas e de solo deram o tom de uma transmissão multifacetada de plantas entre continentes, nas quais a rentabilidade das colônias estimulou uma exploração sem precedentes dos recursos naturais da região, e todas as suas imbricações. A produção borracheira africana foi ainda o espectro da derrocada brasileira na visão de alguns colonistas brasileiros ciosos da preponderância brasileira no mercado internacional, muito embora um certo “orgulho” da qualidade da borracha brasileira também possa ser encontrado nas palavras de estudiosos amazonenses. Dessa forma, a introdução de seringueiras brasileiras na África auxilia na compreensão de um discurso colonial, bem como em suas fissuras no campo da prática. Nas sendas da heurística da besteira, analisar as discussões em torno da aclimação de espécies de seringueiras brasileiras significa descortinar a obstinação científica e o fracasso que dela se pode originar, afinal, como demonstrado, os botânicos seguiram em discordância acerca da temática das seringueiras, dando azo inclusive a desastres ambientais motivados pela crença científica, sendo o desmatamento em grande escala, a conseqüente diminuição da vida selvagem e a exaustão dos solos apenas efeitos imediatos da intervenção humana na floresta. Esta percepção coloca a botânica como um instrumento no campo de disputas dos espaços coloniais, norteando inclusive um pensamento de modelagem antrópica dos biomas como tônica da práxis agrícola. Ao fim e ao cabo, nesse espaço entre discursos, realidades e fracassos, milhões de mudas de espécies de todo o mundo migraram [involuntariamente] para o continente africano no século XX.

Referências bibliográficas:

BEINART, William e MIDDLETON, Karen. Transferência de plantas em uma perspectiva histórica: o estado da discussão. *Topoi*, vol. 10, nº 19, 2009, p. 160-180.

BROCKWAY, Lucile H. Science and colonial expansion. The role of the British Royal Botanic Gardens. *American Ethnologist*, vol. 6, nº 3, Interdisciplinary Anthropology, aug. 1979, p. 449-465.

CARNEIRO, João Paulo J. A. *O último propagandista do império. O ‘barão’ de Santa-Anna Nery e a divulgação do Brasil na Europa*. 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2013.

CHAPEL, Edmond. *Le caoutchouc et la gutta-percha*. Paris: Marchal et Billard, 1892.

- COLLINS, James. On india-rubber, its history, commerce and supply. **Journal of the Society of Arts**, 17 de dezembro de 1869.
- CORREA, Sívio M. de S. Africanidades na paisagem brasileira. **INTERThesis**, Florianópolis, vol. 7, nº 1, jan./jul. 2010, p. 96-116.
- CORREA, Sívio M. de Souza; NODARI, Eunice S. Immigration, colonisation and its environmental impacts in “subtropical Germanies”. **Environmental Change and Migration in Historical Perspective**, Rachel Carson Center, Munich, 2011.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**. A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DEAN, Warren. **A botânica e a política imperial**. Introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. Conferência feita no Instituto de Estudos Avançados da USP, em 21 de junho de 1989. Disponível em: www.iea.usp.br/artigos. Acesso em: 28 out. 2016.
- DEAN, Warren. **Brazil and the struggle for rubber**. A study in environmental history. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DOYLE, Arthur Conan. **The crime of the Congo**. New York: Doubleday, Page & Company, 1909
- DUFFART, Charles. La production du caoutchouc. In: DEPINCÉ, Charles (org.). **Compte rendu des travaux du Congrès Colonial de Marseille, 1906**. Tome IV: Cultures et productions des colonies. Paris: Augustin Challamel, 1908, p. 117-139.
- GHAI, Raymond P. **The impact of sisal industry on the growth of Tanga town**. Thesis submitted to the University of Nairobi, June 1979.
- GRANDIN, Greg. **Fordlândia**. Ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- GUERRA, Maria Sofia Pemba. Fruta de Moçambique. In: **Moçambique: documentário trimestral**. Nº. 7, jul./ago./set. 1936, p. 51-101.
- HAFFNER, M. Le Ficus elastica et l’Hevea brasiliensis en Indochine. In: DEPINCÉ, Charles (org.), *op. cit.*, 1908.
- HOCHSCHILD, Adam. **King Leopold’s Ghost**. A history of greed, terror, and heroism in colonial Africa. New York: Mariner Books, 1999.
- IMLE, Ernest P. Hevea rubber. Past and future. **Economic Botany**, vol. 32, nº 3, jul./sep. 1978, p. 264-277.
- LEPLAE, Edmond. La culture de l’Hévea au Congo belge. In: **Revue de botanique appliquée et d’agriculture coloniale**, 6 année, bulletin nº 56, 30/04/1926, p. 20-218.
- M’BOKOLO, Elikia. África central: o tempo dos massacres. In: FERRO, Marc (org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- MOREL, E. D. **Red rubber**. The story of the rubber slave trade flourishing on the Congo in the year of grace. New York: The Nassau Print, 1906.
- NERY, Frederico José de Santa-Anna. O povoamento da Amazônia. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, Tomo III, 3º Boletim, organizado pelo Dr. A. de Paula Freitas, 1887, p. 193-207.

PEIRCE, Bradford K. **Trials of an inventor.** Life and discoveries of Charles Goodyear. New York: Phillips and Hunt, 1866.

SCHULTES, Richard Evans. The domestication of rubber tree. Economic and sociological implications. **The American Journal of Economics and Sociology**, vol. 52, n° 4, oct. 1993, p. 479-485.

STREEL, M. du Vivier de. Note sur l'exploitation du caoutchouc dans les regions maritimes du Congo. In: DEPINCÉ, C. (org.), *op. cit.*, p. 200-204.

WAUTERS, Alphonse-Jules. **L'État Indépendant du Congo.** Bruxelles: Librairie Falk Fils, 1899.